

BERND, Zilá (Org). *Imaginários coletivos e mobilidades (trans)culturais*. Porto Alegre: ABECAN; PPG LETRAS-UFRGS; Nova Prova, 2008. 207p.

Eloína Santos



A publicação organizada por Zilá Bernd reúne textos apresentados no **Colóquio Brasil/Canadá: imaginários coletivos e mobilidades (trans)culturais**, realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em março

de 2008, promovido pelos Núcleos de Estudos Canadenses da UFRGS e da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS e pela Associação Brasileira de Estudos Canadenses (ABECAN), com o objetivo de destacar “estratégias de deslocamentos, passagens e transferências culturais” no contexto das relações Brasil/Canadá. A **Parte I** da obra, **Contexto Contemporâneo das Américas**, reúne três artigos teóricos. O primeiro, “O conceito de americanidade: hibridismo cultural e cosmopolitismo”, de Jean-François Coté, traduzido do francês por Ana Lúcia Silva Paranhos, debate a americanidade como um conceito em desenvolvimento que estuda a identidade continental através do exame de algumas reflexões teóricas e questionamentos decorrentes da análise da

conjuntura sociopolítica, dos avanços das ciências da cultura, entre outros, que mapeiam encontros e contradições polifônicos e polissêmicos que nos definem. Coté parte do conceito formulado por Aníbal Quijano e Immanuel Wallerstein (1992), passa às reflexões histórico-filosóficas de Enrique Dussel (1992) e Walter Mignolo (1995), considera as reflexões sobre hibridismo de Nestor Garcia Canclini (1989), se detém nos estudos sobre a América do Norte e a complexidade cultural dos contextos culturais estadunidense, canadense e quebequense, examinados por Winfried Siemerling (2005), concluindo que as fortes tensões encerradas no conceito de americanidade provocam sua constante (trans)formação. O segundo artigo, “Imperialismo e cosmopolitismo: o Canadá em busca de um novo paradigma”, de Roque Callage Neto, dialoga com o artigo de Coté quando lembra que a emergência do conceito de americanidade é bem anterior a Colombo e pode ser localizada nas opções européias entre os séculos XIII e XV, quando o mercantilismo da Europa do norte intimida a Península Ibérica, equilibrada entre a intolerância da Igreja e a obediência absoluta aos soberanos, responsável pelas diferenças nas novas colônias. Callage também considera o hibridismo das

culturas americanas e a singularidade dos Estados Unidos, que o leva a comparar a uniformização do modelo estadunidense com o multiculturalismo canadense. Danielle Forget assina o terceiro artigo, “Nossos imaginários coletivos e seus lugares de negociação”, traduzido do francês por Zilá Bernd e Alcione Correa Alves, em que aborda, a partir da análise do discurso, o debate que em 2007 mobilizou o Quebec em torno das “acomodações raciais”, ou a reformulação das políticas de integração das várias etnias da Província. A comissão composta pelos respeitados intelectuais Gérard Bouchard e Charles Taylor, um historiador e um filósofo, um nacionalista e um federalista, o francófono e o anglófono, dois apaixonados pela questão identitária, não isentou o processo de grandes polêmicas oriundas de várias fontes: a TV, os jornais, o fórum oficial. A autora os analisa do ponto de vista qualitativo quando examina, por exemplo, as oposições minoria/maioria, eles/ nós e outras dicotomias discursivas geradoras de confrontos em um debate que ainda não se concluiu, mas parece ir de encontro à movência transcultural. A **Parte II, Mobilidades Transculturais**, subtítulo da publicação, reúne quatro trabalhos que examinam as questões da identidade, da migração e da transculturalidade

no âmbito da interface Brasil/Canadá. “Migrações e identidades”, de Eurídice Figueiredo, aborda os novos processos de identificação decorrentes do intenso trânsito de pessoas e idéias no mundo de hoje, entre eles a criação de pátrias imaginárias, textuais, face à impossibilidade de regate da pátria de origem. Figueiredo percorre textos de Sérgio Kokis e Salman Rushdie, o “Manifeste pour une ‘Littérature-Monde’ en français” (2007) e “A literatura do Commonwealth não existe” (1983), em suas ressonâncias paternalistas e colonialistas; Édouard Glissant e a criouliização como apropriação pós-colonial da língua francesa no Caribe, e ainda a escrita como campo de batalha nas obras de escritores radicados no Canadá: o libanês Wajdi Mouawad, o colombiano Santiago Gamboa e a argelina Leila Sebbar, que fazem parte de uma “república mundial das letras” (Pascale Casanova) *in the making*, principalmente através de obras inovadoras de escritores oriundos “do Sul”. “Transculturalidade: transmigrações e transmutações: *Interfaces Brasil/Canadá e Vice Versa*”, de Nubia Hanciau, analisa o apagamento das dicotomias que nortearam a discussão sobre nações, comunidades e grupos, e as oposições entre cultura erudita ou popular, mitologias e

cosmogonias, a partir da contribuição da figura do migrante, ou “*passer* cultural” para as “mutações culturais profundas” em curso nas sociedades contemporâneas. A autora se vale do conteúdo das revistas *Interfaces Brasil/Canadá*, a revista oficial da Associação Brasileira de Estudos Canadenses, em sua edição 2008, e da *Vice Versa*, revista bimestral, transcultural, trilingüe, criada por Fulvio Caccia, Lamberto Tassinari, Antonio D’Alfonso, entre outros ensaístas e poetas, para, apoiada nas reflexões de Pierre Ouellet, discutir as noções de transculturalidade e mobilidade. Aimée Bolaños, em “Imaginário do eu nas escrituras transculturais: propostas do pensamento quebequense atual”, discute o sujeito transnacional “que vive na escritura uma experiência ou diáspora real e simbólica”, com exemplificações provenientes de Madeleine Ouellete-Michalska e o “Eros autoficcional contemporâneo”, da escrita psicanalítica de Simon Harel, a “autoficção como um laboratório do eu”, e de Pierre Ouellet, que lê a ficção quebequense com ênfase na experiência migratória em um contexto multicultural. Ana Rosa Neves Ramos, no último ensaio desta parte, “Visões e perspectivas sobre os Estudos Canadenses”, apresenta objetivos e atuação da Abecan – Associação Brasileira

de Estudos Canadenses –, debate a política do Governo do Canadá para os Estudos Canadenses e como este assunto se configura no âmbito acadêmico brasileiro. As principais áreas de interesse do Governo Canadense são: paz mundial, segurança, desenvolvimento sustentável, democracia e defesa dos direitos humanos e proteção do meio ambiente. No Brasil, os Estudos Canadenses não constituem uma disciplina acadêmica, mas um amplo campo interdisciplinar que perpassa os interesses acima elencados e investe nas reconfigurações da sociedade contemporânea, ampliando aos poucos o interesse nacional pelo diálogo científico, tecnológico e cultural com um país multicultural e pacífico como o nosso. **A Parte III – Imaginários coletivos, perspectivas transdisciplinares em estudos canadenses**, traz artigos sobre pesquisas e leituras literárias, mitológicas e lingüísticas que focalizam as interfaces entre Brasil e Canadá aplicadas a textos e contextos específicos, com exceção do primeiro trabalho, “Uma leitura de *Sweetness in the belly*, de Camilla Gibb: abrindo mundos fechados através da narrativa pós-colonial”, de Eloína Santos. O romance desta escritora e antropóloga inglesa, transplantada para o Canadá em criança, transporta seus leitores para o interior da Etiópia de Haile

Salassie e Mengistu Hailemariam e enfoca o sofrimento, a violência, a pobreza e a exclusão em que vivem as mulheres em períodos de crise política e econômica, bem como a vida destes refugiados na Inglaterra de Thatcher. A seguir, em “Fantasmas femininos e imaginários coletivos”, traduzido do francês por Zellig Dion-Bélanger, Sylvie Dion trabalha o discurso lendário dentro da lenda urbana contemporânea e analisa como as narrativas populares da velha França, ou da Irlanda, “se fundiram ao folclore ameríndio e céltico para formar o lendário dos franceses da América”. Estado colonizado por europeus, o Rio Grande do Sul oferece uma mistura das tradições indígenas, portuguesa, italiana, alemã e afro-espanhola, principalmente. Dentro da análise comparativa das lendas quebequenses e gaúchas, o artigo examina os tropos da morte e dos fantasmas nas figuras de Marie-Josephte Corriveau e Maria Degolada. Rogério Réus Gonçalves da Rosa, em “O ‘feminino’ xamânico: uma breve comparação entre os Inuit e os Kaingang”, também compara a figura do xamã ameríndio no Canadá e no sul do Brasil. O xamã como figura que realiza a mediação entre humanos e não-humanos e do mundo visível com o invisível é uma figura

“trans” por excelência. O autor constata que o “feminino” xamânico não costuma ser analisado com o mesmo cuidado que o “masculino” xamânico, embora isso não signifique que o feminino seja um gênero menor dentro dessas mitologias ou que seja dominado pelo masculino. Em “O Brasil visto de longe: memória e melancolia em *Le pavillion des miroirs* de Sérgio Kokis”, Ana Maria Lisboa de Mello faz uma leitura profunda e detalhada desse romance publicado em 1994, o único do autor publicado em português (em 2000). Kokis destaca a busca por um passado só recuperável pela memória. O “tecido de lembranças” resultante de experiências reais e inventadas arrisca uma identidade para o personagem/autor migrante. O último artigo desta parte, e do livro, “Vínculos de pesquisa sobre o ensino de gramática em língua inglesa nos contextos canadense e brasileiro”, de Marília dos Santos Lima, é o relato do andamento do projeto de pesquisa coordenado pela autora na UFRGS e pela Dr.<sup>a</sup> Nina Spada na Universidade de Toronto: *A instrução como foco na forma integrada ou isolada: as visões dos professores e aprendizes de inglês como segunda língua (L2) e como língua estrangeira (LE)*, que promove a troca de informações sobre o ensino e aprendizagem

de línguas em dois grupos de professores e estudantes no Brasil e no Canadá, iniciado em 2006, e que se encontra em fase de análise de resultados. A publicação como um todo revela intercâmbio constante, dinâmico e diversificado entre intelectuais, professores, acadêmicos e outros pensadores que examinam a noção de identidade plural que se constrói e reconstrói nas Américas do Sul e do Norte através de suas complexas mestiçagens culturais e inter-relacionamentos dos mais dinâmicos e inusitados.

